

## TECNOLOGIAS DIGITAIS E LINGUAGEM: o que pensam os professores de Língua Portuguesa (LP)

QUIM, Osmar<sup>1</sup>  
GOLEMBA, Isabel<sup>2</sup>

**Resumo** - Este artigo discute a relação entre tecnologias digitais e linguagem a partir dos dados de pesquisa realizada com professores de Língua Portuguesa (LP) da rede pública estadual de ensino. Foram selecionados quatro professores com o objetivo de verificar se conheciam e desenvolviam o trabalho com os gêneros textuais e como viam a influência das tecnologias digitais no desenvolvimento desse trabalho pedagógico. Como referenciais principais foram utilizados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a discussão realizada por Marcuschi (2002; 2005) sobre a emergência de novos gêneros textuais a partir do desenvolvimento tecnológico. Os dados da pesquisa apontam que os professores conhecem e admitem a influência das Tecnologias Digitais na vida do aluno, contudo, ainda preservam uma visão bastante conservadora em relação aos conhecimentos construídos pelos alunos com suporte destes artefatos tecnológicos, bem como sobre a influência destes no processo de aprendizagem da LP.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa. Gêneros Textuais. Tecnologias Digitais.

### INTRODUÇÃO

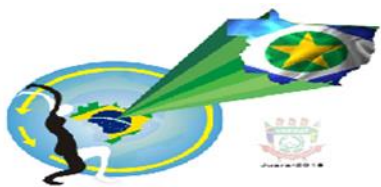
Este trabalho teve início em um seminário da disciplina Linguagem e Tecnologia, no qual foi trabalhado o texto “A Emergência de Novos Gêneros Textuais na Era Digital” de Maria Fernanda M. Barbosa (2012). Para a ocasião, foi feita uma breve análise do artigo que foi publicada no Blog da disciplina<sup>3</sup>. Por ter se revelado um assunto de considerável relevância e abrangência, optamos por dar continuidade ao trabalho desenvolvido, com a

---

<sup>1</sup> Professor da disciplina Linguagem e Tecnologia ofertada no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/ Alto Araguaia. Doutor em Educação, integrante do Grupo de Estudos em Novas Tecnologias e Educação – GENTE. Contato: osmar.quim@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/ Alto Araguaia. Bolsista do Projeto PIBID – Português/Inglês. Contato: isabelgolembo@hotmail.com

<sup>3</sup><http://letrasunemataia.blogspot.com.br/>



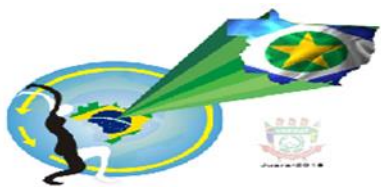
realização de uma pesquisa de campo, diretamente com os professores do Ensino Fundamental.

A pesquisa teve como sujeitos quatro professores de LP que trabalham em escolas públicas nos municípios de Alto Araguaia/MT e Santa Rita do Araguaia/GO, cidade vizinha, que faz divisa de Estado (são dois municípios, pertencentes a dois Estados distintos, mas são apenas uma comunidade visto que o que separa (ou une) ambos é apenas o rio Araguaia, nesse trecho bastante estreito). Nosso objetivo era o de compreender se os professores conheciam e desenvolviam o trabalho com os gêneros textuais e como viam a influência das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)<sup>4</sup> no desenvolvimento desse trabalho pedagógico e na sua prática pedagógica.

Tomamos como referências principais para esse trabalho os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a discussão realizada por Marcuschi (2002; 2005) sobre a emergência de novos gêneros textuais a partir do desenvolvimento acirrado das tecnologias digitais e de sua influência massiva no cotidiano das pessoas, principalmente dos nativos digitais. Reportamos, também, a trabalhos que discutem a inserção das TDIC nos currículos escolares, ressaltando as dificuldades (de infraestrutura; de formação pedagógica; de programas governamentais descontinuados; etc) ainda encontradas na maioria das escolas do nosso país e de outros. Essas dificuldades impedem a inserção das tecnologias de forma efetiva nos currículos escolares, mesmo com o avanço das pesquisas sobre o tema. Estudando a relação entre tecnologias e educação, voltadas aos estudos da linguagem, não podemos deixar de buscar aprofundar um pouco mais no tema proposto nesse artigo, pois percebemos cotidianamente a influência dessas tecnologias na vida dos alunos presentes nas escolas de ensino fundamental e médio, públicas ou privadas.

---

<sup>4</sup> Conforme Almeida e Valente (2011) adotamos a terminologia Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Nosso estudo destaca a utilização do computador (ou dos laboratórios de informática das escolas) que agrega os recursos tecnológicos (som, imagem, animação, etc) em um único veículo. Neste texto, mais especificamente, os termos: tecnologias, tecnologias digitais, tecnologias digitais da informação e comunicação, TDIC, assumem o mesmo sentido.



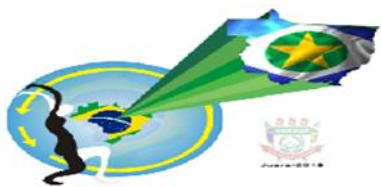
Sabedores de que ainda há muito para se compreender em relação às influências das TDIC na aprendizagem e, mais especificamente, na aprendizagem da LP, fomos buscar subsídios para essa discussão junto às escolas e aos professores. Esperamos poder contribuir para esse debate tão necessário em nossos dias.

Na primeira parte do texto apresentamos a questão dos gêneros textuais, abordando o surgimento dos gêneros digitais a partir do desenvolvimento das TDIC. Na segunda parte discutimos a relação entre tecnologias digitais e educação, buscando focalizar nossa discussão na influência que essas tecnologias exercem sobre os indivíduos e a utilização das mesmas em sala de aula. Por último apresentamos os dados da pesquisa realizada e as considerações finais.

## **I. GÊNERO E ENSINO DE LP: do tradicional às tecnologias digitais**

A partir do pressuposto de que “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, e que é “fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2002, p.1), nos permite perceber a quantidade de gêneros textuais existentes atualmente em nosso meio, quando comparados com períodos anteriores ao da era digital; gêneros que surgiram ou se adaptaram à própria evolução da sociedade tecnológica.

Marcuschi (2002) assevera que eles servem para estabilizar as atividades comunicativas do cotidiano e seu surgimento deu-se através dos povos de cultura oral, expandindo-se com a cultura impressa a partir do século XV. Hoje, com o advento das, os gêneros textuais se multiplicaram consideravelmente. Os gêneros digitais emergentes, conforme Marcuschi (2005) definem-se como formas de interação pessoal apresentadas em ambiente virtual e caracterizadas pela interatividade e pela comunicação síncrona. Podemos nos comunicar ao mesmo tempo, com qualquer parte do mundo, conversar em qualquer

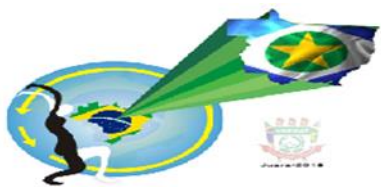


língua, com várias pessoas ao mesmo tempo (sujeitos de qualquer idade, raça, cor ou credo) desde que estejamos em *chats* conectados à Internet ao mesmo tempo; além da possibilidade de comunicação assíncrona.

Contudo, “não são propriamente as tecnologias que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias” (MARCUSCHI, 2002, p.2). As pessoas, ao fazer uso das tecnologias digitais, têm a possibilidade de se apropriar de novos conhecimentos e, conseqüentemente, do uso destas ferramentas. Ao se apropriarem dessas tecnologias são capazes de perceber a melhor maneira de obter maior agilidade no serviço que necessitam, podendo, assim, aperfeiçoar ou mesmo criar um novo gênero.

Um bom exemplo de aperfeiçoamento de um gênero é a “antiga carta” (que pode ainda circular em determinados ambientes), cada vez menos usada ao ser adaptada para o gênero *e-mail*. O *e-mail*, além de agilizar as informações necessárias, permitem, ainda, que documentos como: fotografias, mensagens, apresentações multimídia, entre outros, sejam anexados, além de possibilitar a utilização de caracteres que substituem as palavras e nos mostram o que as pessoas sentem no momento que estão nos escrevendo. O *e-mail* é entregue em segundos e quando o endereço eletrônico não está correto, ele é devolvido automaticamente enquanto que a carta, em uma época mais remota, levaria dias ou até meses para ser devolvida ao emitente, caso fosse necessário. Segundo Marcuschi (2002, p.3), “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual, posição essa defendida também por outros autores.

Ressalta-se que utilizamos a definição de gêneros textuais para textos materializados que encontramos em nosso cotidiano e que se dividem em tipos textuais: descritivo, injuntivo, expositivo, narrativo, argumentativo. Os tipos textuais são definidos por seus traços linguísticos predominantes e são a base do texto, porém, um gênero pode conter mais de um tipo textual em sua construção. Conforme Marcuschi (2002, p.1), esses “caracterizam-se



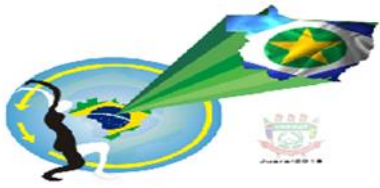
muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

Atentos à diversidade crescente de gêneros textuais, além dos problemas de aprendizagem em LP que assolam a educação em todo o país, os PCNs chamam a atenção para a necessidade de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (BRASIL, 1998, p.5). Ressaltam, também, a importância de saber

Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio de expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (BRASIL, 1998, p.5)

Segundo os PCNs, o ensino da LP tem sido desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país (BRASIL, 1998). Essa tentativa de melhorar a qualidade centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita, mas não se trata de um “ler” apenas no sentido ler/decodificar um texto. Outras necessidades são apontadas, como: saber interpretar um texto, entender o significado das palavras não ditas, entender por trás das palavras escritas, ter conhecimento de mundo suficiente para compreender, cabe à escola suprir tais necessidades. Somente assim o aluno saberá interpretar diferentes textos e produzir outros.

Destaca-se, ainda, que “Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção, os quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1998, p.18). De acordo com os PCNs, é necessário privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social. Dentro dos PCNs encontramos que letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases, tudo deve ser contextualizado, a unidade básica de ensino só pode ser o texto. A necessidade do trabalho com gêneros textuais intensifica-se, visto que os mesmos existem em número quase ilimitado, oferecendo as condições de melhor escolher aquele que se adéqua ao momento pedagógico. Dessa forma, pensar na utilização dos gêneros digitais em sala de aula

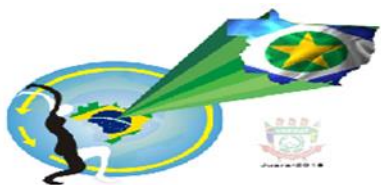


justifica-se em uma época em que as tecnologias são utilizadas diária e constantemente pelos pequenos e jovens nativos digitais.

Percebemos que os PCNs se aportam em uma metodologia que visa superar o ensino da leitura e da escrita por meio de palavras e frases soltas, que não tenham significado para o aluno, discussão bem conhecida nossa. Utilizar os gêneros textuais digitais em sala de aula pode proporcionar um processo de ensino e de aprendizagem mais contextualizado, ressaltando a importância dos conhecimentos construídos fora da escola pelos alunos. Valorizar esses conhecimentos também é um princípio bastante difundido e conhecido nos meios educacionais, contudo, nem sempre fácil de ser colocado em prática.

Quando pensamos nos nativos digitais (PALFREY; GASSER, 2011) e em sua capacidade de buscar informações, de utilizar as TDIC para se comunicar com os mais próximos e com o mundo, em seu modo de escrever e expressar, nos parece fazer mais sentido ainda pensar numa metodologia que possa, dependendo da necessidade e interesse (do aluno, do professor, dos objetivos educacionais), aproveitar esses conhecimentos. Em relação à língua, mais especificamente, a escrita utilizada nas redes sociais, por exemplo, sugere um conhecimento da LP muito maior do que o pensado pela escola ao observar tal escrita.

Entretanto, não é fácil romper a barreira do ensino tradicional, aquele em que o professor ensina, porque domina o conhecimento; o aluno aprende, porque nada sabe, nada conhece e está na escola para aprender. Em se tratando da utilização das TDIC em aula, superar esse princípio parece sempre muito difícil. Apesar das muitas iniciativas governamentais e dos muitos programas de formação de professores para a utilização das TDIC em sala de aula, sua incorporação ao currículo escolar não é efetiva, nem mesmo fácil e tranquila (ALMEIDA e VALENTE, 2011). Muitos professores ainda se assustam com as possibilidades que as tecnologias digitais proporcionam à educação e têm muita dificuldade em utilizá-las em suas aulas, muitos nem mesmo dominam essas tecnologias além do mínimo exigido em seu cotidiano, o que dificulta ainda mais o processo. É sobre isso que trataremos a seguir.

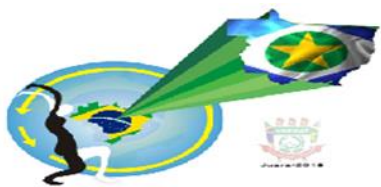


## II TECNOLOGIAS DIGITAIS E EDUCAÇÃO: influência e utilização em sala de aula

O conhecimento construído no Brasil em relação à utilização das TDIC na educação é, certamente, bastante vasto e profícuo, contudo, na prática, as TDIC ainda não foram incluídas de forma efetiva na escola, relacionadas aos conteúdos curriculares. Diversas são as dificuldades (ALMEIDA E VALENTE, 2012, ÁREA, SANABRIA E VEGA, 2012) que persistem e impedem que as tecnologias digitais sejam parte do cotidiano da escola, muitas vezes, mesmo quando a escola possui acesso aos computadores e à Internet.

Ressalta-se que, dentre as dificuldades encontradas na incorporação das TDIC aos currículos escolares, está, sem sombra de dúvidas, a formação do professor para a utilização dessas tecnologias para potencializar a aprendizagem dos alunos. A formação do professor passa pela instrumentalização técnica, contudo deve superá-la. Faz-se necessário compreender as possibilidades e as limitações do emprego das tecnologias na educação, contribuindo para a construção do conhecimento enquanto capacidade ou estrutura superando a utilização das TDIC somente como um novo suporte aos conteúdos pedagógicos (QUIM, 2014).

Almeida e Valente (2011, p. 29) argumentam que é preciso “considerar que as mídias e tecnologias interferem nos modos de se expressar, se relacionar, ser e estar no mundo, produzir cultura, transformar a vida e desenvolver o currículo”. Um novo modo de ver, pensar e trabalhar pedagogicamente é fundamental, juntamente com uma revisão da estrutura cristalizada da escola e do currículo escolar. As TDIC já são parte integrante do mundo do trabalho, das relações sociais, do cotidiano das pessoas, portanto, a escola não pode mais ficar fora desse contexto (LEMOS, 2009). Decidir se as tecnologias digitais farão ou não parte do contexto escolar não é mais uma escolha que cabe à escola, aos professores e/ou administradores, ela já **está** presente (PERRENOUD, 2000). A decisão de incorporar essas tecnologias enquanto suportes digitais na aula, no ensino de um ou outro conteúdo ainda pode e deve ser considerada e feita pelo professor (PERRENOUD, 2000), num contexto em que se considere a importância dessa utilização para a aquisição de conhecimento. Contudo, não é

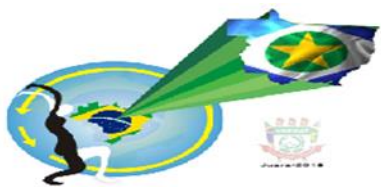


possível ignorar a influência dessas tecnologias na vida dos alunos, principalmente, nas experiências dos nativos digitais.

Ao refletir sobre o ensino de LP, essa influência fica bastante evidente ao analisar o modo de ler e escrever desses nativos digitais nas redes sociais e que, quase sempre, é trazida para o contexto escolar. Em relação à leitura, podemos dizer que os nativos digitais acessam variadas informações ao longo do dia, não em uma única leitura, mas sim, em múltiplas e, posteriormente ou simultaneamente, se envolvem mais com o assunto de seu interesse ao comentar, compartilhar, fazer um *post* (PALFREY e GASSER, 2011). Com isso, um jovem contemporâneo talvez leia muito mais que outro de tempos remotos, contudo, lê de maneira diferente e possui outros métodos de interpretação e resposta àquilo que leu, como por exemplo, participar de um debate *online*. “A opção de ler um pouco, de ler tudo, de copiar e colar, ou seja, a relação com o texto no suporte digital traz imbricadas novas maneiras de ler” (SILVA, 2006, p. 04). Talvez não tenhamos noção, pelo menos ainda, do que isso representa efetivamente em termos de aprendizagem, contudo os estudos e pesquisas, já realizadas ou em andamento, poderão nos dar mais respaldo sobre a influência dessas ações na vida desses jovens.

Em relação à escrita, mais especificamente, percebemos que a informalidade (ou um modo específico de escrever) foi incorporada às comunicações virtuais por algumas razões, como: a rapidez na escrita, as possibilidades de utilização de novos recursos de linguagem à disposição (como os *emoticons*, por exemplo), a agilidade na escrita para se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, daí a cristalização de abreviaturas como *fds* = fim de semana; *blz* = beleza; *vc* = você, dentre outros. Lembrando que a comunicação realizada pelos meios digitais necessita, fundamentalmente, da escrita para que ocorra e, muitas vezes, realizada de forma síncrona, pelas mensagens *in box*, no Facebook, por exemplo. Contudo, a utilização desses recursos (*emoticons*, abreviações, etc) podem ser considerados como um modo particular de comunicação, restrito a um ambiente específico, desde que isso esteja claro para seus usuários. A escola, certamente junto com os pais, pode contribuir para que as





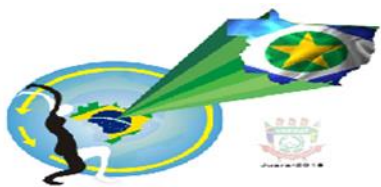
inovações trazidas com o uso das TDIC, de modo geral e específico em relação à escrita, possam ser melhor utilizadas pelos nativos digitais, pois ignorá-las não é mais possível.

Freitag, Fonseca e Silva (2006), consideram o “internetês” como uma sub-norma, um sub-conjunto da norma padrão, pois “a sub-norma da Internet não tem pátria; não apresenta características dialetais, apenas um sub-conjunto do ‘núcleo-duro’ da norma padrão” (FREITAG, FONSECA e SILVA, 2006, p. 02). Baseando-se em outros autores, afirmam que um internauta precisa ter conhecimento da língua padrão para se comunicar nos ambientes virtuais, fazendo uso de artifícios que lhe permitam utilizar “o internetês” de forma eficiente (por exemplo, fazer uso da reestruturação paralinguística) (FREITAG, FONSECA e SILVA, 2006).

Ao professor de LP faz-se necessário ter clareza de que os gêneros textuais emergentes no contexto digital valem-se de um novo suporte e de um novo espaço, portanto “diferem de seus gêneros correlatos já consagrados historicamente na vida cotidiana dos indivíduos” (BARBOSA, 2012, p. 170). Também que a linguagem utilizada na Internet pode ser trazida para o ambiente escolar incluída nos estudos relacionados à LP, aos gêneros textuais, pelo próprio professor, pois, certamente, já estão presentes entre os alunos, dentro e fora da escola. É possível fazer a distinção entre a linguagem exigida num ambiente acadêmico, por exemplo, e a utilizada numa roda de amigos assistindo a uma partida de futebol (FREITAG, FONSECA e SILVA, 2006), ampliando-se, assim, as possibilidades de domínio de diversas linguagens pelos alunos.

### **III O QUE PENSAM AS PROFESSORAS DE LP**

A partir do embasamento apresentado, partimos para o trabalho de campo, tendo como objetivos compreender o uso dos gêneros textuais pelos professores de LP em sala de aula, bem como o que esses pensavam e como viam a influência da linguagem utilizada na internet em sala de aula. Para tanto, foi elaborado um questionário com cinco questões abertas a serem

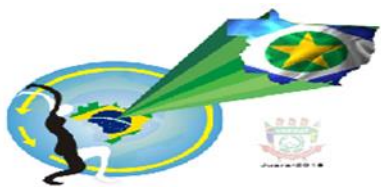


respondidas pelos professores das escolas públicas de Alto Araguaia-MT e Santa Rita do Araguaia-GO, num total de 04 informantes. Os informantes, identificados a partir de agora pela letra P seguida de um número de ordem, foram escolhidos aleatoriamente, tendo como critério, apenas, ser professor de LP de escola pública. Os resultados serão apresentados a seguir.

Quanto ao uso dos gêneros textuais em sala de aula os professores foram unânimes em responder que trabalham com os diversos gêneros textuais em suas aulas: *“Os gêneros fazem parte dos conteúdos programáticos do ensino fundamental e médio, sendo que são introduzidos gradativamente de acordo com a matriz de habilidades apresentada”* (P4), conforme afirma um dos informantes.

As respostas nos permitem observar que os professores de LP, pelo menos em tese, procuram seguir o que os PCNs sugerem, ou seja, que os conteúdos não sejam ensinados com frases soltas, mas sim que isso seja feito a partir de um gênero textual. Conforme ressaltamos anteriormente, um conteúdo apresentado apenas com frases soltas, sem partir de um gênero, por vezes torna-se de difícil compreensão. Para que o aluno tenha uma fácil assimilação é interessante que se parta do conhecimento de mundo do próprio aluno, pois assim ele conseguirá se identificar e identificar o conteúdo apresentado. Dessa forma, o trabalho se dá numa sistematização daquilo que o aluno já conhece e possibilita a ampliação desse conhecimento. Os PCNs da Língua Portuguesa (1998), nos mostram que a leitura faz com que o sujeito torne-se um leitor crítico.

Os professores, ao falarem do desenvolvimento no aprendizado dos alunos com o ensino através de gêneros textuais afirmam que percebem que a leitura dos diversos gêneros faz diferença no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, visto que possibilita *“no aluno a fluência na leitura, oralidade e escrita, pré-requisitos no cotidiano da sala de aula”* (P1), afirmam. Quando o aluno se identifica com determinado gênero, torna-se um aluno participativo em debates e questionamentos. Tal atitude colabora na compreensão mais apurada do texto, na possibilidade da reflexão e da apresentação de novas escritas. Há muito se discute sobre a necessidade de despertar no indivíduo o gosto pela leitura, o gosto pelo



saber, e através dos gêneros textuais isso é possível, desde que sejam apresentados gêneros contextualizados com a realidade e despertem o interesse desse sujeito.

O advento das tecnologias e, particularmente da Internet, contribuiu para o surgimento de novos gêneros textuais (MARCHUSCI, 2002). Muitos desses, conforme expõe o autor, tem suas bases em gêneros já conhecidos, porém com uma nova roupagem atribuída pelo novo veículo de comunicação. É certo que atualmente, principalmente os nativos digitais, vivem conectados à Internet e às redes sociais, portanto, vivenciam a experiência do contato e da escrita desses novos gêneros cotidianamente. Não podemos esquecer que a comunicação entre esses jovens (principalmente) é feita quase que exclusivamente por meio da escrita (PALFREY e GASSER, 2011). Também, conforme afirmam os autores (PALFREY e GASSER, 2011) os jovens lêem muito mais hoje que há algum tempo atrás.

Dessa forma, não podemos negar a influência das tecnologias digitais na vida desses jovens, contudo não se sabe ao certo se essa influência pode levar a níveis mais elevados de desenvolvimento intelectual, embora possamos afirmar que a tecnologia por si só não revoluciona a aprendizagem.

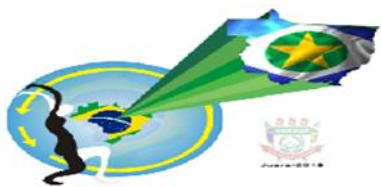
O fato é que uma nova maneira de interagir com o conhecimento, e, principalmente, com a leitura está posta. A escola como a principal agência de letramento não pode se abster dessa discussão; é fundamental que incorpore as práticas de letramento digital ao seu universo didático-metodológico. (SIVA, 2006, p.17)

Considerando que a escola pode e deve considerar a influência das tecnologias digitais na vida dos estudantes, principalmente considerando a multiplicidade de gêneros textuais que circulam no meio digital, buscamos saber dos professores o que pensavam sobre a influência das tecnologias na aprendizagem. Todos os professores concordaram quanto a influência das tecnologias na aprendizagem. Afirmaram que:

*[...] é um recurso que favorece o entendimento do aluno sobre o assunto estudado e amplia o conhecimento acadêmico[...]* (P1)

*[...] podemos navegar a fundo nas informações, saber mais e aprender mais [...]*(P2)

Os professores consideram também que, com o acesso à Internet,

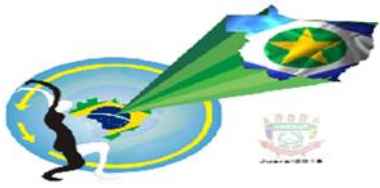


*[...] as pesquisas podem ser realizadas em tempo menor do que quando era necessário consultar vários livros impressos, jornais, atlas, e outros para obtermos aquilo que desejávamos, além do tempo perdido, muitas vezes não conseguíamos alcançar o nosso objetivo, pois havia muito papel e nem todos eles nos direcionavam ao mesmo sentido. (P3)*

Qualquer criança, desde que exposta aos recursos necessários, consegue fazer as operações básicas num computador, celular ou em um *tablet*. Por serem nativos digitais, as tecnologias digitais lhes parecem natural, familiar e, com isso, não sentem medo de fazer uso das mesmas, pois não existem novidades ameaçadoras, apenas novas descobertas com o uso diário. Os PCNs da Língua Portuguesa destacam a presença crescente das tecnologias digitais no cotidiano dos indivíduos, bem como, cabe à escola disponibilizar aos alunos as possibilidades de construir o conhecimento também com a utilização desses recursos.

A maioria dos alunos quando utiliza os recursos tecnológicos sentem interesse em produzir seus trabalhos, pois saem da rotina da sala de aula, do caderno e do livro, eles querem produzir algo diferente, que os valorize, que os possibilite demonstrar que são capazes, que sabem fazer. Construir uma charge, um caça palavras, tudo isso aumenta a autoestima do aluno, proporciona momentos de construção de conhecimento e de alguma maneira valoriza o professor diante deles e vice-versa.

Embora considerem as tecnologias digitais importantes para a aprendizagem, percebemos que os professores evitam o contato com o laboratório de informática, pois quando perguntamos qual a frequência de uso deste ambiente informatizado, as respostas foram evasivas. Tal atitude demonstra a dificuldade (ou resistência?) que os docentes possuem quando levam os alunos ao laboratório. Muitos são os problemas levantados pelos professores para não utilizarem o laboratório de informática conforme observado em trabalho recentemente realizado no mesmo campo de realização dessa pesquisa: mau comportamento dos alunos no laboratório, falta de técnico em informática, equipamentos obsoletos, falta de formação docente, dentre outros (PEREIRA, 2015). A falta de formação do professor para atuar com as tecnologias ainda é, sem dúvida, uma realidade presente em todo o país.



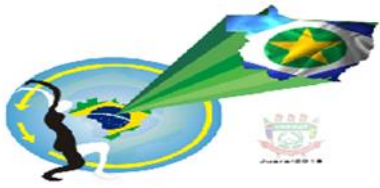
Contudo, os professores afirmam que as tecnologias não são prejudiciais ao desenvolvimento do aluno na aprendizagem da LP, quando dizem que “*quando orientados por um professor influencia positivamente, pois são orientados a usar os recursos midiáticos para a construção do conhecimento*”. Destaca-se aqui a importância do trabalho pedagógico realizado pelo professor quanto à utilização das pelo aluno. É fundamental que o professor realize um trabalho cuidadoso com seus alunos a fim de que todos os recursos possibilitados pelas TDIC sejam aproveitados pedagogicamente, mas também, possibilitem a emancipação social do aluno.

Observa-se que os professores, apesar de concordarem que a influência das TDIC pode ser positiva, ainda guardam certo conservadorismo ao afirmar que:

*[...] a influência negativa ocorre com o uso indiscriminado das redes sociais, onde tudo é abreviado erroneamente, não existe preocupação com a norma culta, o que provoca um retrocesso na língua escrita. (P1)*

Dessa forma, o professor desconsidera todo o conhecimento necessário para que a comunicação ocorra nas redes sociais, para que as abreviações sejam compreendidas por todos os usuários (FREITAG, FONSECA e SILVA, 2006), não percebem que há, nesse espaço, a construção de uma gama de regras a serem obedecidas, assim como nos manuais de gramática normativa, onde as regras são outras, mas não deixam de ser regras. Conforme dissemos acima, o professor pode contribuir para que, a partir desse conhecimento que o aluno já possui, ele seja capaz de construir (ou de reconstruir) para si mesmo, a linguagem padrão exigida em situações de comunicação mais formal.

Não nos parece coerente que uma geração que é capaz de criar um código próprio de comunicação, dentre outras habilidades que possui (MONEREO e POZO, 2010), não seja capaz de distinguir os diversos falares, seus registros e sua usabilidade. Desconsiderar o conhecimento que o aluno possui quando chega à escola, é desconsiderar toda a história precedente desse estudante fora da escola, é desconsiderar todas as construções que já realizadas por ele que serão fundamentais para a aprendizagem dos conteúdos escolares (GILLIÉRON, 1992). Em relação às tecnologias digitais, essa máxima é ainda mais profunda, pois os imigrantes digitais, seus professores, talvez por desconhecerem os recursos das



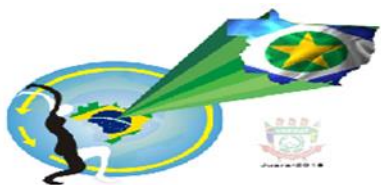
tecnologias, desconsideram todo o desenvolvimento e conhecimento dos nativos digitais, seus alunos, em relação aos conteúdos e à própria tecnologia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso estudo, embora não tão exaustivo ou conclusivo, possibilitou-nos compreender, na prática, como a escola (pelo menos em nossa realidade) ainda está longe de incorporar as tecnologias digitais em seu cotidiano, em seu currículo. Embora os professores reconheçam a influência e, até mesmo, a importância das TDIC em nosso tempo, na vida dos alunos, ainda há um conservadorismo ao tratar do tema voltado à escola e à aprendizagem do conteúdo específico da LP.

Por certo, reconhecer a influência das TDIC na vida do aluno pode representar um passo em direção à sua incorporação na prática pedagógica, contudo, para que isso ocorra, muitas mudanças ainda são necessárias, dentre elas, considerar o conhecimento que o aluno possui e traz consigo ao entrar na escola. É preciso estar aberto ao novo, vencer o medo, ousar. A formação continuada, certamente, pode colaborar muito para que o professor consiga estabelecer a relação entre as tecnologias digitais e a aprendizagem, utilizando-as na sua prática pedagógica.

Em relação ao trabalho com os gêneros textuais foi importante perceber que os professores estão cientes da importância deles, conforme ressalta os PCNs, nas aulas de LP, aproximando-as da realidade dos alunos. Contudo, não é difícil constatar que a utilização dos gêneros digitais ainda não faz parte do conteúdo de LP a ser estudado na escola, pelo menos não de forma sistemática. Também, verificamos que a visão dos professores em relação às TDIC ainda é de desconforto/desconfiança. A valorização das possibilidades dessas tecnologias para a construção do conhecimento do aluno parece ter se tornado mais um chavão no discurso dos professores enquanto sua utilização ainda se encontra muito restrita, muito longe daquilo que elas podem proporcionar enquanto instrumento.

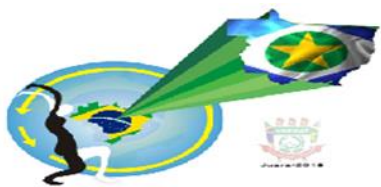


Não se objetiva com este trabalho supervalorizar as TDIC ou concebê-las como único recurso possível a ser utilizado nas escolas de modo geral e nas aulas de LP em particular, mesmo porque acreditamos que o professor deve ser o responsável pela decisão de utilizá-las e de quando utilizá-las de modo específico na disciplina que ministra. Entretanto, mesmo que a decisão do professor seja pela sua não utilização, não é possível fechar os olhos para sua influência avassaladora na vida dos alunos. Assim, melhor seria que a escola pudesse colaborar para que os alunos desenvolvessem uma postura mais crítica e consciente em relação à sua utilização, de modo que resultasse em um recurso capaz de promover sua emancipação e participação social. Quanto a isso, sabemos a importância da língua utilizada pelos sujeitos que estão imersos na utilização dos gêneros textuais digitais nos diferentes contextos sociais!

### **DIGITAL TECHNOLOGIES AND LANGUAGE: what do Portuguese language teachers think?**

**Abstract:** This research discusses the relationship between digital technologies and language having as data Portuguese Language Teachers (LP) practices in public schools. Four teachers were selected in order to verify if they knew and used to teach with genres, also to verify how they perceived the influence of Digital Information and Communication Technology (DICT) in their educational work. To carry on this research, we mainly use the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) and Marcuschi's (2002; 2005) discussion on genres' emergence in the digital era. We concluded that teachers know and acknowledge the influence of technology in students' life; however, they maintain a conservative view regarding the knowledge built by students with these tools, as well as about the influence of technologies on Portuguese Language learning.

**Keywords:** Portuguese Language Teaching. Text Genres. Digital technologies.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A.. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.

AREA, M.; SANABRIA, A. L.; VEGA, A. M. Las políticas educativas TIC (Escuela 2.0) em las Comunidades Autónomas de España desde la visión del profesorado. In: **Campus Virtuales – Revista Científica de Tecnología Educativa**, nº 01, v. II, 2013. Disponível em: [www.revistacampusvirtuales.es](http://www.revistacampusvirtuales.es). Acesso em: 18 de maio de 2013.

BARBOSA, Maria Fernanda M. A emergência de novos gêneros textuais na era digital. In: **e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**. Nilópolis, v.3, Número 1 B, Jan. -Abr. 2012, p. 148-171. Disponível em: [http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/289/pdf\\_183](http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/289/pdf_183). Acesso em: 15 jun. 2015.

COLL, C.; MONEREO, C. (Org.). **Psicologia da Educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação**. Porto alegre: Artmed, 2010.

FREITAG, R. M. K.; FONSECA E SILVA, M. Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. In: **Revista Intercâmbio, volume XV**. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

GILLIÈRON, C. Da epistemologia piagetiana a uma psicologia da criança em idade pré-escolar. In: LEITE, L. B. (Org.). **Piaget e a escola de Genebra**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

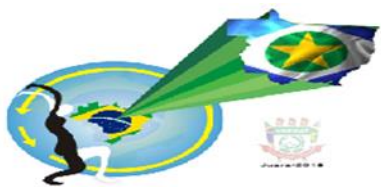
LEMONS, S. Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola. In: **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2015.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz. A.; Xavier, Antonio C. (orgs). **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção do sentido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2011.





**REVISTA DE EDUCAÇÃO DO VALE DO ARINOS – RELVA  
POLÍTICAS PÚBLICAS E SUAS DIVERSIDADES**

PEREIRA, K. de F. **Tecnologias e educação: dificuldades para inserção das TDIC em sala de aula – estudo realizado em Alto Araguaia – MT.** Alto Araguaia, 2015, 53fls (Graduação em Licenciatura em Computação) – Curso de Licenciatura em Computação, Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Tecnológicas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Alto Araguaia, Alto Araguaia, 2015.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

QUIM, O. **Licenciados em computação e saberes pedagógicos: cobranças de uma pedagogia da ação.** Porto Alegre, 2014. 181f. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, N. R. da. Práticas de leitura: a utilização do Blog em sala de aula. In: **Revista texto digital.** Ano 2, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/viewFile/1378/1077>. Acesso em: 05 jun. 2015.

Recebido em: 19/10/2015

Aprovado em: 16/11/2015